CAPÍTULO 11:

Marcas de uso em dicionários: reflexões e implicações sociais

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha;
Claudia Zavaglia

Introdução

As palavras que se encontram repertoriadas em um dicionário são signos que advêm de um sistema linguístico no qual estão inseridas em uma rede de relações, cuja realidade extralinguística pode ser evidenciada e compreendida a partir dos itens lexicais nele registrados.

A língua testemunha, por meio das palavras, a interpretação da realidade de um povo, transmitindo o conhecimento de mundo reunido por esses falantes e reproduzido de geração em geração. O léxico é, portanto, um reservatório da cultura e da história de uma sociedade, mantendo uma íntima relação com a produção de dicionários, dado o vínculo estabelecido entre repertório lexical e repertório dicionarístico. Com efeito, os dicionários existem a partir do momento em que uma sociedade, para espelhar sua realidade e perpetuá-la — além de se autoproclamar uma nação —, necessita armazenar, por exemplo, seus costumes, condutas, saberes, inventividades, afeições, desamores por meio da língua (Guerra, 2003, p. 60).

Desse modo, pode-se dizer que um dicionário é um produto cultural que retrata a realidade de uma sociedade e, consequentemente, estabelece um papel de representatividade, além de contribuir para a propagação ou conservação de ideias e posicionamentos sociais.

À vista disso, os estudos lexicográficos, especialmente os voltados às marcas de uso nos dicionários, são essenciais para que se possa compreender como o uso linguístico é orientado e interpretado por seus consulentes. As marcas de uso fornecem indicações sobre a adequação ou não de determinados itens lexicais em contextos culturais e sociais específicos, oferecendo orientação quanto ao significado, ao tom e à situação de uso. No entanto a ausência ou a ambiguidade dessas marcas pode resultar em mal-entendidos ou na perpetuação de estereótipos e preconceitos linguísticos.

Quando consideramos o estudo das marcas de uso em dicionários brasileiros, aspectos importantes da linguagem são revelados, especialmente quando envolvem palavras que carregam conotações negativas, como chulismos, tabuísmos, ironias, depreciações e insultos. Tais marcas linguísticas têm implicações não só na concepção da língua, mas também nas interações sociais, sendo muitas vezes reflexo de desigualdades estruturais. As palavras, longe de serem neutras, carregam valores culturais, morais e sociais que podem perpetuar preconceitos e violências, como ocorre com unidades lexicais relacionadas ao sexismo, racismo e gordofobia.

As palavras carregam em si mais do que significados formais; elas trazem consigo uma carga cultural e social que reflete e reforça certos valores e prejulgamentos da sociedade. Ao utilizar marcas de uso em suas explanações linguísticas, os dicionários desempenham um papel crucial no processo de conscientização sobre essas conotações e, ao mesmo tempo, possibilitam que o consulente compreenda as nuances das palavras-entrada. No entanto é frequente a ausência de um sistema de inserção claro e uniforme para a utilização dessas marcas nos dicionários.

Nesse contexto, os dicionários desempenham papel crucial na sistematização e na divulgação de sentidos propagados em uma sociedade. A ausência ou a presença de marcas de uso em verbetes influencia diretamente a forma como a comunidade compreende e utiliza determinadas palavras no momento em que procura conhecer seus sentidos dicionarizados. Quando não há uma abordagem teórico-metodológica clara para identificar e marcar palavras ofensivas, os dicionários podem, inadvertidamente, contribuir para a reprodução e popularização de violência verbal.

Este estudo busca explorar como as marcas de uso estão presentes (ou ausentes) nos dicionários analisados, concentrando-se em verbetes que possuem implicações sociais e culturais, como palavras consideradas tabus, chulas e pejorativas. Ao analisar essa questão, o objetivo é proporcionar um entendimento mais profundo sobre o papel que essas marcas desempenham no uso linguístico e nas dinâmicas sociais mais amplas.

A pesquisa lexicográfica relaciona políticas públicas e serviço social a partir de algumas perspectivas da linguagem, especialmente no que diz respeito à violência verbal e aos impactos do uso de uma língua discriminatória ou ofensiva na sociedade, destacando alguns pontos de intersecção. A análise direciona-se a sete verbetes extraídos de cinco dicionários brasileiros, focando em palavras que envolvem questões de gênero e corpo, como “baleia”, “boneca”, “concubina”, “feminicídio”, “gordo”, “patroa” e “rapariga”, as quais, ao longo dos anos, têm sido utilizadas de maneira pejorativa ou estereotipada, contribuindo para o reforço de visões discriminatórias, especialmente no que se refere a mulheres e grupos socialmente minorizados.

Analisamos palavras cujos sentidos pejorativos, irônicos, chulos ou tabuísmos que se evidenciam nos dicionários, refletindo a violência simbólica presente nas interações sociais. Nosso objetivo é destacar a maneira como certos conceitos estão descritos e (não) marcados nas obras lexicográficas em análise, dado que podem reforçar estereótipos, perpetuar desigualdades ou contribuir para a normalização de uma linguagem violenta. Essa dinâmica pode ter implicações diretas nas políticas públicas voltadas para a proteção de grupos vulneráveis, como minorias étnicas, raciais e de gênero.

Por violência simbólica, termo cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, entendemos que

> [...] se refere aos processos pelos quais o poder é exercido verticalmente por meio de símbolos, gestos, palavras e representações culturais. Seu objetivo não é a subjugação de grupos por meio da dominação e da intimidação física, mas a imposição de estruturas de poder e subordinação nas estruturas sociais. Esse tipo de violência se manifesta por meio de diversas ações. Algumas das mais conhecidas são as seguintes: exclusão social, linguagem discriminatória, discursos estigma-

> tizantes, criação de estereótipos negativos, imposição de normas e valores que reforçam as desigualdades estruturais (Juárez, 2023).

No campo do serviço social, profissionais lidam frequentemente com vítimas de discriminação e violência verbal. Dessa forma, marcas de uso em dicionários, que denunciem o potencial ofensivo de certas determinadas, pode contribuir para a formulação de políticas públicas que combatam o uso de interações verbais discriminatórias em espaços como escolas, locais de trabalho e serviços públicos; do mesmo modo, essas marcas podem contribuir em campanhas de conscientização e treinamentos voltados para a redução do preconceito e da marginalização sociais.

Quando se trata de políticas públicas inclusivas, a padronização e sistematização de marcas de uso em dicionários podem influenciar a criação de políticas linguísticas que promovam uma linguagem mais inclusiva. Isso pode ocorrer, por exemplo, ao preencher lacunas identificadas na etiquetagem — ou ausência dela — de sentidos pejorativos ou culturalmente marcados, que podem servir de base para sugerir diretrizes que orientem o uso de uma linguagem mais justa e sensível nos meios de comunicação, na educação e em documentos oficiais.

Em muitos países, políticas públicas já visam ao combate a crimes de ódio, incluindo violência verbal e discriminação racial, de gênero e de classe. Ao analisar como os dicionários registram e descrevem palavras ofensivas, seu estudo pode auxiliar na compreensão de como a violência verbal é estruturada na língua e no processo comunicativo. Essa conscientização pode fomentar a criação de leis ou políticas de monitoramento de discursos de ódio em plataformas digitais e na sociedade em geral.

Por fim, nosso olhar sobre palavras e sentidos dicionarizados pode servir como recurso educacional para a formação de profissionais de serviço social, preparando-os para lidar com a violência verbal e com as implicações que palavras discriminatórias podem ter para a autoestima e a integração social das pessoas. Isso pode incluir, por exemplo, a inclusão de estudos sobre a violência linguística nos currículos de cursos voltados para o serviço social e políticas públicas. Como observado, esses pontos estabelecem uma conexão clara entre a análise lexicográfica e a necessidade de intervenções sociais que protejam e promovam a dignidade humana por meio de uma língua mais respeitosa e consciente; mediante uma análise lexicográfica e social, este estudo investiga como os dicionários têm tratado essas palavras e se as marcas de uso estão adequadamente sinalizadas. Além disso, destaca a importância de políticas públicas que incentivem o uso consciente da linguagem e o papel fundamental dos assistentes sociais na luta contra a violência verbal e o sexismo linguístico.

Fundamentação teórica

A violência verbal se refere ao uso de palavras com o objetivo de insultar, humilhar ou discriminar uma pessoa ou grupo. Embora muitas vezes seja invisível, seus efeitos são profundos e duradouros. Segundo Fajardo (1997), a língua não é apenas um reflexo da sociedade, mas também

uma ferramenta de poder, capaz de reforçar ou desafiar estruturas sociais. A violência verbal é frequentemente expressa por meio de unidades lexicais pejorativas ou estereotipadas que perpetuam visões preconceituosas sobre diferentes grupos sociais.

Diversas definições são atribuídas ao item lexical "violência", tais como:

violência 1 Qualidade ou característica de violento. 2 Ato de crueldade. 3 Emprego de meios violentos. 4 Fúria repentina (MIv, 2024).

violência 1. Qualidade do que é violento; **2.** Emprego abusivo, ger. ilegítimo, da força ou da coação com o fim de se obter algo; **3.** O ato violento: "Não se poupou a fadigas, a despesas nem a violências para exterminar as heresias nos seus estados e nos alheios..." (Rebelo da Silva, *História de Portugal*)); **4.** Grande força ou poder próprio a uma ação, processo ou fenômeno natural: *A violência da chuva surpreendeu todo mundo;* **5.** O temperamento tempestuoso de quem facilmente se torna agressivo: *Temia a violência do pai por não ter passado de ano* (CAv, 2024).

Segundo Zavaglia (2022, p. 129), sexismo é

> [...] todo comportamento, atitude ou discurso baseado em preconceito e discriminação sexual, em relação ao gênero de uma pessoa. Essa desigualdade é perceptível quando em uma sociedade, já na infância, meninas são incentivadas a brincar de boneca e de casinha, e a usar a cor rosa, e meninos são estimulados a jogar bola e brincar de carrinho, a ser cientistas, engenheiros, médicos, astronautas, executivos, entre outros, e se vestir de azul.

Por outro lado, o sexismo linguístico é uma manifestação específica da violência verbal que ocorre quando a linguagem discrimina com base no gênero. Strehler (1998) define o sexismo linguístico como a prática de utilizar termos ou construções que subestimam, desvalorizam ou estereotipam pessoas com base em seu gênero, particularmente em relação às mulheres. Essa forma de discriminação é evidenciada em palavras como "patroa" e "rapariga" (analisadas mais adiante), que, embora neutras em seu sentido original, ganharam conotações pejorativas e sexistas ao longo do tempo.

Assim, por meio da coleta de verbetes cujos sentidos são circulantes no Brasil, apresentamos uma análise breve, mas reflexiva, sobre a existência ou não de definições discriminatórias em suas microestruturas. Para tanto, utilizamos a identificação das marcas de uso, um recurso que alerta os usuários sobre os contextos em que os sentidos das palavras são empregados.

O conceito de marcas de uso na Lexicografia não é novo, mas sua aplicação prática continua a suscitar debates. Hausmann (1977 *apud* Welker, 2004) propôs uma análise detalhada das marcas de uso, sugerindo que elas devessem funcionar como guias para o consulente, ajudando-o a situar a palavra no contexto correto. De acordo com Fajardo (1997), a marcação adequada nos dicionários pode contribuir para uma melhor compreensão intercultural e para a prevenção de mal-entendidos linguísticos que, em última instância, afetam as interações sociais.

A presença (ou ausência) de marcas de uso em dicionários para sentidos com conotações sexistas ou violentas reflete uma questão metodológica central na Lexicografia. Por isso, Strehler (1998) destaca a importância de uma padronização metodológica na inclusão de marcas de uso, salientando que a falta de uniformidade entre os dicionários pode criar confusão sobre o significado de termos controversos. Esse aspecto é particularmente relevante em um mundo globalizado, no qual palavras e expressões atravessam fronteiras linguísticas e culturais, muitas vezes sem uma consideração adequada de suas implicações socioculturais.

Por outro lado, Garriga Escribano (2003) explora a relação entre as marcas de uso e a variação sociolinguística, apontando que a marcação de termos pejorativos ou tabus pode reforçar preconceitos linguísticos se não for acompanhada de uma contextualização adequada. A falta de clareza nas etiquetas pode gerar, portanto, uma reprodução inadvertida de estereótipos.

Welker (2004) sugere que as marcas de uso também desempenham um papel pedagógico, ensinando os consulentes sobre as nuances linguísticas e culturais implícitas no uso de certos sentidos. Assim, ele aponta que a padronização das marcas de uso em dicionários deve seguir critérios consistentes, evitando discrepâncias entre diferentes obras lexicográficas. Essa perspectiva reforça a importância de uma abordagem consciente e crítica na elaboração de dicionários, especialmente aqueles que abordam questões sensíveis como chulismos e tabuísmos.

Por fim, Gutiérrez Cuadrado (2011), reforçando a relação indissociável entre Lexicografia e sociedade, argumenta que os dicionários têm a responsabilidade de refletir os valores sociais de forma crítica, não apenas como espelhos de uso corrente (por refletirem as dinâmicas sociais e culturais de uma época), mas como instrumentos que podem influenciar e moldar a percepção da linguagem e da sociedade. Esse aspecto é especialmente importante em contextos nos quais a violência verbal é normalizada, muitas vezes registrada em dicionários sem a devida contextualização ou alerta ao consulente. Em consonância, Zavaglia (2022, p. 148) discute o papel central que a mulher assume e que "para se fixar enquanto ser social, com paridade de direitos e deveres, terá de se preocupar com expressões, unidades lexicais, dicionário, entre outros, que possuam um discurso sexista".

Metodologia adotada

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa, baseada na análise de sete verbetes extraídos de cinco dicionários brasileiros: *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (Ferreira, 2010) – AU (2010); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2009) – HO (2009); *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2024) – HOv (2024)[1]; *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete (Aulete, 2024) – CAv (2024); e *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (Michaelis, 2024) – MIv (2024). A partir deles, coletamos e analisamos sete verbetes — "baleia",

1 Os dicionários HO (2009) e HOv (2024) pertencem à mesma editora, sendo que HOv (2024) é uma versão *on-line* cujos verbetes são idênticos àqueles das versões impressa e eletrônica de HO (2009).

"boneca", "concubina", "feminicídio", "gordo", "patroa" e "rapariga" — com base em sua relevância para o debate sobre sexismo linguístico e violência verbal, considerando seu potencial pejorativo, tabu ou chulo. As obras foram escolhidas com base em sua relevância para o contexto sociocultural do Brasil, bem como sua frequência de uso entre os consulentes.

Desse modo, foram extraídas as definições e as marcas de uso associadas a cada um dos verbetes, verificando-se a presença de etiquetas lexicográficas que indicassem seu uso restrito a contextos específicos ou que advertissem sobre seu potencial ofensivo. A análise comparativa foi realizada entre os verbetes para identificar padrões de divergência ou convergência na marcação desses itens lexicais. A análise dos dados seguiu um protocolo que incluiu a identificação da marca de uso atribuída aos sentidos de cada entrada, a verificação de consistência metodológica e a observação de como essas marcas influenciam a interpretação do sentido, cujo resultado foi a identificação de lacunas significativas na sistematização das marcas de uso, especialmente em palavras relacionadas a questões sociais sensíveis, como gênero, raça e orientação sexual. Essas lacunas foram discutidas com base na literatura teórica utilizada.

Resultados alcançados

A análise dos verbetes revelou que, em geral, os cinco dicionários do *corpus* apresentam diferenças significativas na maneira como marcam o uso de termos potencialmente ofensivos ou pejorativos; ou seja, há uma ausência significativa de padronização no uso de marcas de uso, particularmente para sentidos considerados socialmente sensíveis. Ao conectarmos nossa pesquisa lexicográfica, políticas públicas e serviço social, seguimos por uma abordagem dos impactos da linguagem discriminatória e violenta, uma vez que pode nos servir para explorar pontos de intersecção.

A violência verbal, presente em expressões discriminatórias e ofensivas, reflete e perpetua desigualdades sociais, podendo ser alertadas aos consulentes quando buscam entender seus sentidos nos dicionários; por exemplo, palavras como "baleia", "boneca", "gorda", "gordo", entre outras, têm, em muitos dicionários, acepções pejorativas, reforçando estereótipos. Como falantes de língua portuguesa, reconhecemos que esses são itens lexicais que passaram a ser usados para ofender pessoas. De fato, as duas últimas não deveriam ser entendidas dessa forma, pois são caracterizadores que cumprem a função de descrever um substantivo, consequentemente, não precisariam carregar uma carga negativa. Por que isso ocorre? Porque nós, como seres sociais, atribuímos valor positivo ao corpo magro e negativo ao corpo gordo na atual sociedade brasileira. E o dicionário, como obra descritiva, tem a necessidade de registrar essa realidade, e não o fazer seria mascará-la, uma vez que "baleia", "gorda" e "gordo" são frequentemente empregados de maneira pejorativa para atacar pessoas com sobrepeso.

Vejamos "baleia" em AU (2010) e em HOv (2024), a seguir:

baleia [Do lat. *balaena*.] Substantivo feminino. 1. Zool. Nome comum a cetáceos de corpo fusiforme, hidrodinâmico, com nadadeira caudal horizontal, orifício(s) respiratório(s) no alto da cabeça, membros anteriores modificados em nadadeiras e os posteriores ausentes; são adaptados exclusivamente à vida aquática e dividem-se em dois grupos principais: as providas de barbatanas (misticetos) e as providas de dentes (odontocetos). 2. P. us. Barbatana (4). 3. Astr. Constelação de vasta área, austral na maior parte, situada a O. de Erídano, a E. de Aquário, e ao S. de Áries e de Peixes. [Com cap., nesta acepç.] **4. Pej.** V. *gordo* (11): "O saco cheio de Juliette e suas amigas, fartas de serem tratadas como baleias assim que a gente ganha mais alguns quilos". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.2008). **5. Bras. Pop.** Objeto de grandes dimensões (AU, 2010).

baleia substantivo feminino 1 MASTZOO design. Comum às várias spp. De grandes mamíferos cetáceos, marinhos, principalmente as das fam. dos balenídeos e dos balenopterídeos **2 p.ana.**; **infrm.**, pej. indivíduo muito gordo; obeso 3 (1911) p.ana.(da acp. 1); **B; infrm**. coisa de dimensões avultadas 4 ASTR constelação de vasta área, austral na maior parte, situada a oeste de Erídano, a leste de Aquário e ao sul de Áries e de Peixes inicial maiúsc. 5 p.met.; COST; p.us. m.q. barbatana (no sentido de 'haste flexível') [HOv, 2024].

Acreditamos que há a necessidade da inserção de uma marcação dupla2 para que seu uso esteja mais claro para o consulente, resultando na seguinte inserção nesses verbetes:

baleia [Do lat. *balaena*.] Substantivo feminino. 1. Zool. Nome comum a cetáceos de corpo fusiforme, hidrodinâmico, com nadadeira caudal horizontal, orifício(s) respiratório(s) no alto da cabeça, membros anteriores modificados em nadadeiras e os posteriores ausentes; são adaptados exclusivamente à vida aquática e dividem-se em dois grupos principais: as providas de barbatanas (misticetos) e as providas de dentes (odontocetos). 2. P. us. Barbatana (4). 3. Astr. Constelação de vasta área, austral na maior parte, situada a O. de Erídano, a E. de Aquário, e ao S. de Áries e de Peixes. [Com cap., nesta acepç.] **4.** <pejorativo/ofensa> V. *gordo* (11): "O saco cheio de Juliette e suas amigas, fartas de serem tratadas como baleias assim que a gente ganha mais alguns quilos". (*Folha de S.Paulo*, 05.10.2008). **5.** <informal/figurado> Objeto de grandes dimensões. (AU, 2010).

baleia substantivo feminino 1 MASTZOO design. Comum às várias spp. De grandes mamíferos cetáceos, marinhos, principalmente as das fam. dos balenídeos e dos balenopterídeos **2** <pejorativo/ofensa> indivíduo muito gordo; obeso 3 (1911) p.ana.(da acp. 1); <informal/figurado> coisa de dimensões avultadas 4 ASTR constelação de vasta área, austral na maior parte, situada a oeste de Erídano, a leste de Aquário e ao sul de Áries e de Peixes inicial maiúsc. 5 p.met.; COST; p.us. m.q. barbatana (no sentido de 'haste flexível') [HOv, 2024]

Entendemos que a explicação das marcas entre os sinais maior ("<") e menor (">") possa contribuir para a compreensão dos sentidos por parte do público-alvo. Por isso essa proposição não é exclusiva para esse item lexical; na verdade, serve como exemplo a ser empregado em todos os casos em que ocorram sentidos que causem ofensa por meio de grosserias, como vemos em "baleia" e "gordo".

2 Segundo Bertonha (2022, p. 194), corresponde a uma etiquetagem constituída de uma marca 1 (de sentido mais geral) e de uma marca 2 (de sentido mais particular).

Além disso, é necessário advertir os consulentes sobre a existência de outros sentidos. No caso de "baleia", há uma desqualificação referente ao corpo humano, principalmente o feminino. Em relação ao verbete "gordo", acreditamos que o usuário precisa compreender as nuanças, por exemplo, os graus do substantivo, uma vez que revelam uma significação valorizada ou atenuada afetivamente.

Vejamos os verbetes "gordo" e "gorda" em AU (2010):

> gordo (ô) [Do lat. *gurdu*, 'grosseiro', 'rude'; 'estúpido', 'tolo'.] Adjetivo. 1. Que tem gordura; untuoso; gordurento, gorduroso, grassento, grasso, graxo: *carne gorda*. 2. Que tem excesso de tecido adiposo desenvolvido: *criança gorda*. [Aum., nesta acepç.: v. *gordalhão*.] 3. V. *gordurento* (2). 4. Semelhante à gordura. **5. Fig**. Alentado, volumoso: "tirou das algibeiras das calças dois gordos maços de notas" (Coelho Neto, *Turbilhão*, p. 200); "Uma mulher abriu a porta, o corpo bloqueando a entrada ....; para entrar eu teria que me esfregar nos seus peitos gordos." (Rubem Fonseca, *A Coleira do Cão*, p. 169). **6. Fig**. Avultado, considerável: *uma gorda quantia*. 7. Diz-se do terreno fértil: *as terras gordas do Sul*. 8. Bras. Diz-se das cartas pertencentes aos naipes de copas e espadas: *carta gorda*; *dama gorda*; ás *gordo*. [Tb. us. como s. f., mas só em relação à palavra *carta*:*Bateu a parada com uma gorda*.] 9. Tip. Preto (7). ~ V. ácido —, *alvenaria —a*, *argamassa —a*, *argila —a*, *cal —a*, *dia —*, *dias —s*, *domingo —*, *letra —a*, *de letras —as*, *olho —*, *sábado —* e *terça-feira —a*. Substantivo masculino. 10. Qualquer substância gorda: *o gordo do porco*. 11. <pejorativo/ofensa> Indivíduo obeso, gordo. [**Sin., pop., deprec., nesta acepç.: *baleia*, *hipopótamo* e (bras.) *boi*, *elefante*.** <pejorativo/aumentativo> **nesta acepç.: v. *gordalhão***].

> gorda (ô) Substantivo feminino. 1. Bras. V. *gordo* (8).

Gostaríamos de mencionar que não havia o registro de nenhuma acepção que evidenciasse o significado de ofender alguém em razão de sua massa corporal. Esse ponto nos causou estranhamento porque, no Brasil, a gordofobia se mostra cada vez mais presente, visto que somos um país com índices extremos de pessoas que passam fome e aquelas que são obesas. Recentemente, temos acompanhado uma série de reportagens (Loureiro, 2024) sobre esses extremos e, nesse aspecto entre aparência e doença, vem à tona o preconceito contra pessoas que possuem elevados índices de massa corporal (IMC). Em vista disso, ressaltamos que os dicionários devem estar atentos a essa movimentação na sociedade, principalmente as obras virtuais, as quais possibilitam uma atualização muito mais rápida do que as impressas.

A partir do verbete “gordo” em AU (2010), temos como sugestão de marcação dupla:

gordo (ô) [Do lat. *gurdu*, ‘grosseiro’, ‘rude’; ‘estúpido’, ‘tolo’.] Adjetivo. 1. Que tem gordura; untuoso; gordurento, gorduroso, grassento, grasso, graxo: *carne gorda*. 2. Que tem excesso de tecido adiposo desenvolvido: *criança gorda*. [Aum., nesta acepç.: v. *gordalhão*.] 3. V. *gordurento* (2). 4. Semelhante à gordura. 5. <informal/figurado> Alentado, volumoso: “tirou das algibeiras das calças dois gordos maços de notas” (Coelho Neto, *Turbilhão*, p. 200); “Uma mulher abriu a porta, o corpo bloqueando a entrada ....; para entrar eu teria que me esfregar nos seus peitos gordos.” (Rubem Fonseca, *A Coleira do Cão*, p. 169). **6.** <informal/figurado> Avultado, considerável: *uma gorda quantia*. 7. Diz-se do terreno fértil: *as terras gordas do Sul*. 8. Bras. Diz-se das cartas pertencentes aos naipes de copas e espadas: *carta gorda; dama gorda; ás gordo*. [Tb. us. como s. f., mas só em relação à palavra carta:*Bateu a parada com uma gorda*.] 9. Tip. Preto (7). ~ V. ácido —, *alvenaria —a, argamassa —a, argila —a, cal —a, dia —, dias —s, domingo —, letra —a, de letras — as, olho —, sábado — e terça-feira —a*. Substantivo masculino. 10. Qualquer substância gorda: o *gordo do porco*. 11. Indivíduo obeso, gordo. **[Sin., pop., deprec., nesta acepç.: *baleia, hipopótamo* e (bras.) *boi, elefante*. Aum., nesta acepç.: v. *gordalhão*]**.

gorda (ô) Substantivo feminino. 1. Bras. V. *gordo* (8).

O que nos leva a sugerir essa marcação é o fato de que esses sentidos são utilizados para atacar verbalmente pessoas, levantando estigmas sociais, os quais servem para subjugar publicamente indivíduos que não se enquadram em um padrão estético que correspondente àqueles ostentados na atual sociedade brasileira. Em razão disso, “pejorativo” e “ofensa” podem funcionar como advertência para os consulentes.

Em nossa investigação, levantamos unidades que fizessem referência a grupos minorizados na sociedade. Nesse contexto, vejamos a entrada “boneca” (Quadro 1), a qual apresenta acepções que remetem às questões sociais de gênero, muito discutidas na contemporaneidade, visto que essa palavra, quando aplicada a homens, tem conotações de feminilização e homofobia.

Quadro 1 – Acepções de “boneca” nos cinco dicionários do *corpus* que merecem atenção quanto às marcas.

Dicionário	Acepções
AU (2010)	2. Fig. Mulher excessivamente enfeitada e/ou de corpo pequeno e benfeito. 11. Bras. Pej. Efeminado.
HO (2009)	4 Derivação: por analogia. mulher jovem, de baixa estatura, muito enfeitada. 5 Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo. homossexual do sexo masculino.
HO (2024)	4 Derivação: por analogia. mulher jovem, de baixa estatura, muito enfeitada. 5 Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo. homossexual do sexo masculino.
CAv (2024)	6. Bras. Pej. Homem efeminado. 7. Bras. Gír. Travesti.

MIv (2024)	3 FIG Mulher jovem e bonita, geralmente baixa e muito enfeitada. 5 COLOQ, PEJ Homossexual masculino.

Fonte: elaborado pelos autores.

O verbete "boneca" foi analisado, especialmente, em seu uso conotativo, explorando, entre outros aspectos, o significado que circula na sociedade sobre as características femininas atribuídas a homens cis. Em AU, HO e MIv, identificamos registros de um juízo de valor à mulher que faz referência tanto ao corpo ("muito enfeitado") quanto ao comportamento da mulher ("pouco animada"), sem que haja uma etiquetagem que advirta os usuários sobre seu uso.

Em AU e MIv, há a marca Fig. (sentido figurado) e, em HOv, há a indicação de "derivação por analogia", porém acreditamos que essas marcas não são suficientes para o consulente. À vista disso, sugerimos a inserção da marcação dupla, visto que ela pode contribuir mais efetivamente para essa advertência. Além das críticas apontadas para as mulheres, ainda há menções negativas acerca do comportamento masculino, pois, em AU, HO, CAv e HOv, há o registro de que "boneca" se refere a um indivíduo homossexual que tende a se comportar como uma mulher cis. De fato, observamos que, nessas obras, ocorre uma etiquetagem, não padronizada, mas que auxilia o consulente a perceber que seu uso é estigmatizado no Brasil. Logo, a marcação dupla seria mais pontual, principalmente para substituir "Bras. Gír." (em CAv), uma vez que essa marca não se sustenta.

Como se observa em nossa pesquisa, ao explorarmos essa gama de dicionários de nosso *corpus*, torna-se evidente que essas obras são uma amostra de como os dicionários brasileiros marcam (ou não) certas acepções como pejorativas, vulgares ou ofensivas, sendo que a ausência de marcas de uso adequadas pode normalizar o uso das palavras de forma prejudicial.

Ao analisar os verbetes de "patroa" e "rapariga", flagramos como certos sentidos perpetuam desigualdades de gênero e classe. Vejamos essas entradas e também "patrão", "concubino" e "concubina" a seguir:

patroa (ô) [Do lat. *patrona*, por via semierudita.] Substantivo feminino. **1.** Mulher do patrão. 2. Dona de casa. 3. A dona de um estabelecimento comercial. 4. Pop. Esposa. 5. Pop. Tratamento dado a uma senhora por pessoas de condição social inferior (AU, 2010).

patrão [Do lat. *patronu*, por via pop.] Substantivo masculino. **1.** Chefe ou proprietário de estabelecimento, fábrica, etc., em relação aos empregados; empregador. 2. P. ext. O chefe de um escritório, de uma repartição. 3. O dono da casa em relação aos empregados domésticos, ou outros; amo, senhor. 4. Senhor, chefe, cavalheiro: — *Tudo em ordem, patrão?* [Us. em geral como vocativo.] 5. Mar. Merc. Aquele que comanda embarcação de pesca: "esbarraram com o velho José Alexandre, patrão daquela baleeira" (Virgílio Várzea, *Histórias Rústicas*, p. 82). 6. Nos barcos de regata, aquele que dirige o leme e comanda o ritmo das remadas. 7. Patrono, protetor. **8. Pop.** Tratamento de respeito dado por pessoas humildes a pessoas de condição social superior, ou, às vezes, tratamento simplesmente carinhoso ou afetuosamente irônico dado a pessoas de igual condição. 9. Seringalista (q. v.). [Fem.: *patroa*.] (AU, 2010).

rapariga [De *rapaz*, mas de formação obsc.] Substantivo feminino. 1. P. us. no Brasil Mulher nova; moça: "E tinha uma filha, rapariga morena, de olhos negros e dissimulados" (Eneias Ferraz, *Adolescência Tropical*, p. 15); "Em frente de nós, um grupo de raparigas: vinte anos por fazer, frescas, saias muito curtas, meias coloridas deixando os joelhos a descoberto, falavam em voz alta — preparavam-se para um exercício de literatura alemã, se bem percebi. || — Provavelmente, são todas virgens ...." (Augusto Abelaira, *Bolor*, p. 83). 2. P. us. no Brasil Adolescente do sexo feminino. 3. Lus. Moça do campo. **4. Bras. N. N.E. MG GO** Amante[2] (6) ou **concubina**. **5. Bras. N. N.E. MG GO** Meretriz. [**Tb. us. deprec.**] [Masc. (nas acepçs. 1 a 3): *rapaz*. A rigor (como observa Antenor Nascentes), o masc. de *rapariga* é *raparigo*, prov. lus., e o fem. de *rapaz* é *rapaza*, desconhecido (ao que parece) no Brasil.] (AU, 2010).

concubina [Do lat. *concubina*.] Substantivo feminino. 1. Mulher que vive com homem com quem não é legalmente casada (AU, 2010).

concubino Substantivo masculino. 1. **Indivíduo** que vive com mulher com quem não é legalmente casado (AU, 2010).

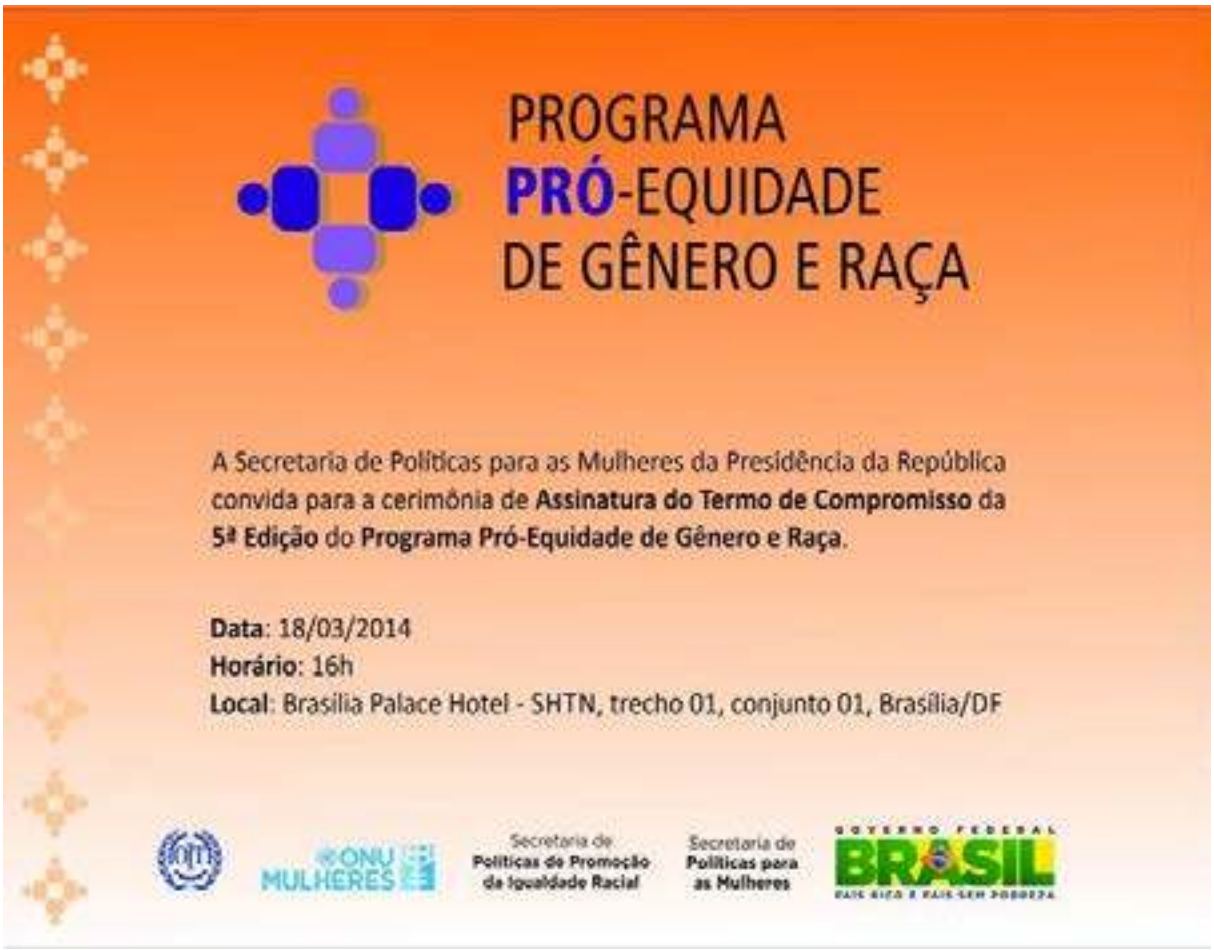
A entrada "patroa", que originalmente se refere a uma mulher que exerce autoridade, ganhou, ao longo dos anos, uma conotação pejorativa, associada ao estereótipo de uma mulher mandona ou controladora. Ao ler o verbete "patroa" (em AU), percebemos que carrega um tom hierárquico e, por vezes, depreciativo acerca da figura feminina, o que não encontramos em seu respectivo referente masculino. Em "patrão", temos sentidos positivos, sendo que a única menção marcada pela etiqueta lexicográfica *Pop.* (popular) precisaria ser trocada por "informal", pois não é possível confirmar que tal sentido seja reconhecido e utilizado por toda a população brasileira.

Em relação à "rapariga", no Brasil, muitas vezes, é sinônimo de prostituta, enquanto em Portugal é uma palavra neutra, ou seja, circula sem restrições ofensivas, como verificamos na amostra retirada de AU (2010). Essa marcação ocorre em duas de suas acepções, além de estar presente em um pós-comentário com o alerta de que é uma palavra depreciativa. Embora haja o sentido de concubina em "rapariga", ao verificarmos se ocorre a mesma marcação no verbete "concubina", descobrimos que não. Além disso, em seu referente masculino, temos "concubino" definido por "indivíduo"; então, poderíamos questionar: por que não "homem" iniciando sua definição? Logo, o sexismo linguístico pode nos servir como resposta também neste caso.

Como se verifica, assistentes sociais que lidam diretamente com populações marginalizadas precisam estar cientes do peso dessas palavras e de como o uso de uma linguagem mais inclusiva e respeitosa é capaz de mudar dinâmicas sociais e de poder, sendo que esse conhecimento pode ser integrado em práticas de intervenção. Ao se conhecer melhor o sentido das palavras, podemos propor que políticas públicas incluam iniciativas educacionais voltadas à conscientização sobre o uso de linguagem inclusiva, como o incentivo à atualização dos dicionários e materiais educativos que promovam o respeito às diferenças. Por isso, poderíamos sugerir o envolvimento de assistentes sociais na promoção de campanhas que combatam o uso de expressões discriminatórias ou ainda que sejam treinados para identificar e agir contra a violência verbal em suas práticas profissionais.

Em nossa pesquisa, também encontramos iniciativas governamentais que se prestaram a olhar para questões de violência na linguagem a fim de promover um uso mais consciente das palavras. Entre elas: (i) campanha do Governo Federal – "Respeito às diferenças"[3]: focou na promoção do respeito e inclusão de todos os indivíduos, combatendo o preconceito e a discriminação, incluindo a linguagem ofensiva, promovida pelo MDHC, em que empresas da iniciativa privada firmaram compromisso de ações a fim de superar desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho.

Figura 1 – Propaganda governamental gerada a partir da campanha "Respeito às diferenças"



Fonte: Brasil (2014).

Esse evento visou demarcar o compromisso das empresas e instituições com a consolidação das políticas para as mulheres no mundo do trabalho, no sentido de contribuir para a eliminação de todas as formas de discriminação no acesso, na remuneração, na ascensão e na permanência no emprego, além, claro, daquela que se materializa na violência verbal (por exemplo, em contextos de assédio moral): (ii) campanha "Palavras têm poder", do Ministério da Mulher, da Família e dos

3 Disponível em: 14/03 – Empresas firmam compromisso pela superação das desigualdades de gênero e raça no mundo do trabalho — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br). Acesso em: 17 out. 2024.

Direitos Humanos (MMFDH)[4]: focava em alertar sobre o impacto das palavras e a importância de evitar termos que pudessem ferir ou discriminar.

Figura 2 – *Site* governamental voltado para a conscientização da sociedade



Fonte: Brasil (2016).

Nesse site, o governo pretendeu trazer esclarecimentos ao povo brasileiro sobre os diversos tipos de abuso contra a mulher, incluindo a violência verbal, que se manifesta nas seguintes categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica: (iii) campanha "Violência não é só física" – Secretaria de Direitos Humanos[5]: Essa campanha foca na violência simbólica, incluindo a verbal, e promove a conscientização sobre os efeitos das palavras.

Figura 3 – *Site* governamental promovendo o combate ao feminicídio



Fonte: Brasil (2024).

4 Disponível em: Violência contra mulher não é só física; conheça outros 10 tipos de abuso — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br). Acesso em: 17 out. 2024.

5 Disponível em: Direitos Humanos apoia movimento nacional pelo Feminicídio Zero — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br). Acesso em: 17 out. 2024.

Essa iniciativa refere-se a uma resposta do Governo Federal aos altos índices de violência contra a mulher no País, com o intuito de mobilizar meios de comunicação, redes sociais, times de futebol, organizações da sociedade civil e empresas em um movimento nacional de conscientização para todas as pessoas.

Esses achados demonstram que, embora as marcas de uso tenham o potencial de orientar o consulente em um dicionário, sua aplicação inconsistente entre as obras analisadas enfraquece essa função, evidenciando a necessidade urgente de uma padronização metodológica que assegure a clareza e a relevância das marcas para todos os usuários. Por meio das análises realizadas e da comparação efetuada entre variados verbetes[6] dos cinco dicionários de nosso *corpus*, confirmamos a não padronização das marcas, bem como a evidente diferença nas definições de palavras relacionadas a mulheres quando em comparação a homens.

Essa notória manifestação sexista na língua pode refletir uma compreensão enviesada das questões de gênero, sedimentadas por séculos na(s) língua(s), limitando e restringindo, por exemplo, as mulheres a papéis sociais de menor importância e, assim, visando determiná-los como imutáveis e/ou incontestáveis.

Essas são questões linguísticas já reconhecidas, que devem continuar a serem enfrentadas. Assim, as mulheres, que buscam uma posição social de equidade de direitos e deveres, precisam se preocupar com sentidos, expressões, itens lexicais, dicionários, discursos midiáticos, publicidade, entre outros, que possuam, incutidos ou revelados, um posicionamento sexista. Como tentamos apontar, se as palavras e os dicionários são entidades sociais e, por isso mesmo, ideológicas — já que refletem a sociedade e os pensamentos e doutrinas dominantes — será por meio dessas armas que a mulher deverá lutar para se impor como gênero, senão dominante, pelo menos compartilhado nas mesmas medidas (Zavaglia, 2022).

Considerações finais

A falta de padronização na marcação de termos sensíveis em produtos lexicográficos pode gerar mal-entendidos culturais e perpetuar preconceitos linguísticos, conforme revelado pela análise das cinco obras estudadas. As marcas de uso têm o potencial de oferecer uma compreensão mais profunda do contexto cultural e social de uma palavra, mas sua aplicação inconsistente compromete essa função essencial.

Diante desses achados, é fundamental que as futuras edições de dicionários adotem uma abordagem metodológica mais clara e sistematizada para a inserção de marcas de uso, principalmente em palavras cujos sentidos estão relacionados a questões de gênero e orientação sexual. A proposta de marcação dupla, com etiquetas mais claras e padronizadas, pode ser uma solução eficaz para assegurar que os consulentes recebam orientações precisas e culturalmente sensíveis.

6 Nesse texto, trouxemos à tona somente alguns deles, por razões editoriais de espaço.

Por fim, as intersecções entre a Lexicografia e as políticas públicas devem ser exploradas de maneira mais aprofundada, pois a violência verbal registrada nos dicionários reflete e reforça dinâmicas sociais que podem ser combatidas por meio de políticas públicas que promovam uma linguagem mais inclusiva e consciente. O trabalho do assistente social pode ser o de um agente propagador de mudanças, pois, por meio do estudo da linguagem e da conscientização sobre o impacto das palavras, ele pode auxiliar na transformação de realidades sociais, promovendo o uso de uma linguagem que respeite a dignidade das pessoas e evite a reprodução de violências.

Este capítulo pode servir como uma mola propulsora para que o assistente social em formação entenda como a linguagem, muitas vezes negligenciada, pode ser uma forma de violência e como ele pode atuar para mitigar esses impactos por meio de intervenções educacionais e políticas públicas inclusivas.

REFERÊNCIAS

AULETE, C. **Dicionário Caldas Aulete**: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lexikon, 2024. Disponível em: https://www.aulete.com.br. Acesso em: 17 out. 2024.

BERTONHA, F. H. C. **Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares**: proposta de etiquetagem em marcação dupla. 2022. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2022.

FAJARDO, A. **Lexicografia Descritiva**. Porto Alegre: Lexis, 1997.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. versão 5.11a. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GARRIGA ESCRIBANO, J. **Sociolingüística e Lexicografia**. Madri: La Torre, 2003.

GUERRA, A. M. M. **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

GUTIÉRREZ CUADRADO, J. **Dicionários e sociedade**. Salamanca: Ediciones Acadêmicas, 2011.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 1.0. Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. UOL: Ed. Objetiva, 2024. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0. Acesso em: 05 set. 2024.

JUÁREZ, S. G. Como entender o que é violência simbólica com exemplos. **A Mente Maravilhosa**, 30 jul. 2023. Disponível em: https://amenteemaravilhosa.com.br/como-entender-o-que-e-violencia-simbolica-com-exemplos. Acesso em: 22 out. 2024.

LOUREIRO, G. Gordofobia: por que esse preconceito é mais grave do que você pensa? **Revista Galileu**, 3 maio 2017. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-preconceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html. Acesso em: 30 mar. 2024.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br. Acesso em: 17 out. 2024.

STREHLER, A. **A variedade na Lexicografia**. São Paulo: Contexto, 1998.

WELKER, H. A. **Dicionários e suas marcas**. Brasília: Thesaurus, 2004.

ZAVAGLIA, C. Sexismo em dicionários brasileiros. *In*: MOREIRA, G. L.; COSTA, L. A. C.; ALVES, I. M. (org.). **Pesquisas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campinas: Pontes, 2022. p. 127-150.